A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 62 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

NAS FURNAS DE MONSANTO

Numa recente batida, a policia descobriu n'uma das lapas da montanha, nove bombas de dinamite de grande potencia, ali escondidas, por certo com poucos instintos humanitarios...

AGUA SALUS DE TODAS A MELHOR PEDIR EM TODA A PARTE

LEIA DENTRO: O RESULTADO DO NOSSO GRANDE CONCURSO DE NOVELAS CURTAS

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 62

LISBOA 14 DE MARÇO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

Mil perdões

Devido a um engano na fabricação do papel que empregamos no nosso jornal, este numero do *Domingo ilustrado* não tem o aspecto habitual. De esse senão, pedimos desculpa aos nossos amaveis leitores, que, por certo, terão em conta a nossa lastima e nos perdoarão a falta que as circunstancias nos obrigam a cometer.

QUANDO os leitores estiverem saboreando este numero de «O Domingo», ter-se-á já inaugurado, oficial e calendariamente, a Primavera.

Não é por ela estar presente que o digo, mas gosto da Primavera. Não sei se já repararam que é ela a unica estação feminina e é talvez por isso mesmo que é a mais agradavel das quatro estações do ano, facto que aliás se não verifica com as estações de caminho de ferro, porque das quatro principaes de Lisboa a unica feminina é a de Santa Apolonia, que nada tem a recomenda-la ao nosso agrado.

Não sei porque necessidade de materialisação, desde menino e moço sempre á minha imaginação se apresentaram as estações do ano sob formas humanas e alegoricas: a Primavera, uma menina traquinas, vestida de branco com as tranças enastradas de malmequeres, saltando a corda debaixo das frondes cerradas dum parque; o Verão, um sujeito anafado, vermelho e suando por todas as rôscas da papeira, com o chapeu de palha deitado para a nuca e um lenço entalado no colarinho; o Outuno, um mancebo palido, olhos languidos e tristes, cabelos compridos e corredios, vestindo uma sobrecasaca negra e escorrida e passeando á beira-mar com uma lira debaixo do braço: o Inverno, um velhote irritado, olhos chorosos da coriza, um catarro cronicamente roncando na arca do peito e uma perita branca de general reformado a espreitar dentre as voltas inumeraveis dum «cache-nez» de lã ás riscas.

E' evidente que, nesta humanisação das quatro estações, eu não podia deixar de preferir a menina saltando á corda sob os arvoredos dum parque, embora me mereça tambem uma certa simpatia o mancebo triste que sobraça a lira.

* * *

Apezar de se manter clara e alegre a chama do meu culto pela Primavera, começa a parecer-me que as primaveras de hoje não são iguais ás doutro tempo, como se a adulteração, que corroe os generos alimenticios e as consciencias, tivesse tambem já atingido a Natureza.

E' um sintoma terrivel, reconheço, isto de começar uma pessoa a estabelecer comparações entre a hora que se vive e as horas que se viveram. E' pelo menos, um sintoma de que já temos passado e de que vamos rolando pelo pendor da colina, ao fim da qual se hão de deter os nossos passos. Começa-se por admitir que as primaveras que vamos vivendo diferem das que já vivemos e dentro em pouco estamos caídos nessa estreita e desagradavel modalidade de «barrismo», que se resume na frase «no meu tempo», sempre citada pelos velhos em desprimor do presente.

Mal nos vai a vida quando começamos a viver pela recordação os factos registados pelo «Diario de Noticias» de «Ha quarenta anos». E' esse o inicio das intransigencias teimosas com o presente e dos hossanas, a grande instrumental, do passado. E' a hora triste da renuncia a toda a irreverencia garôta, o momento ponderado e solene de admitirmos na nossa admiração os artistas e os escritores nossos contemporaneos, que na mocidade desdenhámos ou assobiámos. Comparados os das gerações novissimas, que não entendemos e que nos não entendem, com os do «nosso tempo», estes hão de parecer-nos Migueis, Angelos, Talmas e Beethowens.

Assim, um dia virá em que aqueles frequentadores da «Brazileira» do Chiado, que hoje se engasgam com o café na pressa de o sorverem para fugirem á influencia dos paineis que adornam aquele estabelecimento, ali irão em romagem de saudade contemplar embevecidos, com terna admiração, o moinho de dar corda do José Pacheco, as banhistas do Almada, as trouxas do Barradas, os «morrones» do Viana e os bonecos de estampar do Bernardo Marques, porque por esse tempo, que não vem longe, moinhos, banhistas, trouxas, pimentões e estampas serão nos pinceis de novos artistas e para os nossos olhos, coisas mais fantasticas e bem diferentes.

* * *

Decerto a Primavera é ainda a mesma e fui eu quem mudou — para pior. Apesar de não lêr ainda pela cartilha do «Noticias de ha quarenta anos», já uma alongada sombra de evocação se estende na minha vida. E' ainda curto e pequeno, mas tenho já um passado de recordações, que esta Primavera nascente me evoca: é, no recuado tempo de infancia, a lembrança dum bibe de linho cru com bordados vermelhos, que os primeiros calores justificavam e mais tarde, já de buço e unha crestada pelo cigarro clandestino, a recordação dos maus sonetos rabiscados no caderno dos significados, sobre o dicionario de latim, em que ingenuos versos diziam, informe e vagamente, a ancia de amor, que a Primavera acordava no meu sangue.

DE VIAGEM...

Henrique Roldão, um nome destacado da nova geração de escritores, socio da empreza de O Domingo ilustrado *e que a este jornal tem dado o melhor do seu esforço e da sua inteligencia, parte no proximo dia 24 para os Estados Unidos do Brazil, na espinhosa missão de promover o inter-cambio entre a Sociedade Brazileira de Autores e a Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes Portuguezes, missão que, é por si, o melhor penhor da justa consideração que os autores nacionaes teem por Henrique Roldão.*

Quando o Domingo ilustrado *era um ponto de interrogação na vida jornalistica portugueza, sempre o nosso jornal encontrou no seu chefe de redação o melhor alicerce, a mais ampla vontade e energia, a maior inteligencia e o mais amoroso carinho.*

Henrique Roldão que tem subido a vida, — como ele diz — a pulso — e que no genero humoristico é hoje considerado como um dos primeiros, o que não quere dizer que em outras formas literarias ele não seja um real e autentico valor (e os leitores de O Domingo ilustrado *sabem-n'o bem...) vae conhecer a Terra Brazileira, esse lindo paiz onde o nosso jornal conta tantos amigos e, das suas impressões, e da sua observação, terão conhecimento os leitores do nosso jornal, pelas cronicas que o distinto escritor nos vae enviar.*

O Domingo ilustrado *e todos os que nele trabalham, desde o mais modesto, enviam a Henrique Roldão o testemunho da sua grande amisade e da sua profunda admiração.*

Que Henrique Roldão, uma das grandes forças de O Domingo ilustrado, *volte em breve é o que desejamos.*

CABELEIREIROS DE SENHORAS E CREANÇAS

Aplicação do Hené e ondulação Marcel por Mlle Gomes.

Corte de cabelo, manicure, pedicure e massagista.

ROCIO, 93, 2.º (Ascensor) LISBOA

—Vou despedir a creada porque os meninos não se habituam a ela!

—Porque não despedes antes os meninos?

—Cavalheiro! Eis a minha luva!

—Homem! Obrigado! Calha bem porque perdi uma das minhas!

Má língua

Novos fardamento[s]

(ALVITRES E PERGUNTAS)

Vae fazer sensação o tal decreto
que se pensa levar aos deputados
e, ao que dizem, transforma por completo
as fardas de officiaes e de soldados.

Presinto por ahi grande alegria
num anteposo de sonhados luxos;
e muita sopeirinha se extasia
visionando elegancias de galuchos.

Ai! Quanto coração militarista
anceia pelo novo fardamento
com medo que o Senado lhe resista
por a coisa ser contra o regimento!

Já que ninguem faz nada, surja ao menos
quem faça estes garbosos disparates;
onde tudo comeu, não ponho empenos
a que comam tambem os alfayates...

Ajunte-se ao «tachinho» desasado
uma correia da maior pujança;
visto que é tão preciso e desejado
que o Tacho esteja sempre em segurança.

E para dia a dia e mais e mais
conquistar o suffragio das mulheres,
gastem sem cobro ingentes cabedaes
no verniz de calçar os pés de alferes!

A certos generaes, de heroicidade
tamanha que às commendas não dá trega[s],
para lhes dar maior ubiquidade
têm de arranjar botas de sete leguas.

Quanto a alguns empreiteiros de motim,
se teem tantos corpos como caras,
dê-se um bom ponta-pé ao seu cotim
e mettam-se em camisas de onze varas!

Em vez das longas grêvas hoje usadas
imponham-se as polainas mais catitas;
— para que as pernas militarizadas
deixem de ser uns mananciaes de «fitas».

E a baixo as pifias luvas de algodão
que, nas mãos dos magálas, pedem chuvas!
— Pois não vemos em tanto figurão
sem merito maior melhores «luvas»?...

Aquelles officiaes de nobre falla
que não fallam, chegada a occasião,
em vez de usarem uma simples palla
teem de ser providos de um palão.

E áquelles, que tal qual como os civis
servem hoje e amanhã... quem lhes faz ge[ito]
dêem casacas de qualquer matiz
que não tenham avesso nem direito.

¿ A alguns que taes prudencias revelaram
onde energias mil foram precisas
pela nova reforma... não bordáram
raminhos de oliveira nas divisas?

E aos que só sabem ser Heroes da Encolha
se por accaso a sarrafusca aperta
dão nova espada de delgada folha,
ou dão a antiga, — com bainha aberta

E' para vasculhar secretarias
ou para achincalhar quem 'stá por baixo
que inscreveram, nas novas regalias
a intergeição vermelha de um pennacho?!

Vá de farça! O soldado verdadeiro
não é p'ra vista; é a Ordem, posta em guar[da]
E oxalá quem cahiu neste chiqueiro
inda veja florir... botões de farda!

TAÇ[...]

HUMORISMO

crónica alegre

UM POUCO DE POLITICA

DURANTE anos era graça indispensavel em todas as pseudo-revistas, inteiras ou por sessões, em todos os pseudo-semanarios humoristicos, dizer-se que o sr. dr. Brito Camacho não tomava banho. Se bem que fosse cheia de espirito, essa gracinha acabou por perder um pouco da sua oportunidade. Agora, a despropósito de tudo, fala-se das excelentes disposições em que se encontra o sr. Afonso Costa de não voltar a ocupar-se da nossa politica caseira. Se muita vez não concordei com os actos do chefe democratico—cousa que aliás, segundo suponho, o não incomodou sobremaneira—, desta vez estou de pleno acordo com ele. Afonso Costa, devido á sua situação e á sua acção em Portugal teve ensêjo de sair dele e de se ocupar no estrangeiro de assuntos de alto relevo. Relacionou-se com as figuras politicas mais marcantes de todos os paises. Viveu em meios disciplinados, onde ha a noção das conveniencias e das proporções. Assistiu á discussão de graves problemas, sentiu em torno de si uma ambiencia intelectual. Tudo isto com comodidade, entre boas maneiras, em locais aprasiveis de civilisação requintada, etc. Que as suas qualidades foram apreciadas demonstra-o a escolha que dele fizeram para a presidencia de uma assembleia em que estão presos os olhos de todo o mundo. A honra que a Portugal cabe pertence-lhe tambem um pouco, digam lá o que disserem os seus adversarios intransigentes.

Em troca desta situação, em que ele lucra, mas tambem lucra o país, que lhe propõem? Que venha para Portugal assistir ao lindo espectaculo que nos oferecem o nosso Parlamento e os nossos politicos, com os seus congressos de farça e de chimfrineira e tomar nele uma parte activa. Que depois de ouvir Briand em Locarno, venha escutar em S. Bento os nossos grandes oradores. Que, depois de ter gosado a consideração de figuras de relevo, venha sujeitar-se ás pançadinhas dos correligionarios. Que, ou condescenda com o que por aí está e se liquide totalmente, ou pretenda emendá-lo, sendo então submergido pela revolta dos mais torpes interesses creados.

Não tenham ilusões. Uma creatura superiormente inteligente, que sáia durante anos de Portugal para um grande meio, não volta a aclimatar-se. E' o caso de João Chagas, que se aborrecia como um prego ferrugento debaixo do nosso lindo sol e a quem, ainda nos dias que precederam a sua morte, ouvi os mais desconsolados e ironicos comentarios acerca dos politiquelhos, do estado dos espiritos, da ausencia da opinião, da insuficiencia da imprensa, de tudo quanto, enfim, interessa a nossa vida nacional.

Deixem as cousas como estão. Afonso Costa está desempenhando um papel em que nos é util e em que ele está tranquilo. Tenham por certo que num *palace* de Genebra ou na sua casa de Paris, ele está bem melhor do que numa moradia das Avenidas novas com um policia á porta, o sr. Antonio Maria da Silva á perna e quatorze revoluções em perspectiva. E nós, sem ele, cá vamos passando. Nem todos temos os empregos pelo qual se degladiam os Cunha Leal e os Tamagnini; mas ainda assim com a ajuda da Divina Providencia todos vamos vivendo, mesmo os que morrem de fome.

—E' você que oferece cem mil reis pela carne que lhe roubaram.
—Sou! Mas onde está a carne?
—Está dentro d'este cão!

TIRANDO O RETRATO

De quando em quando é-nos necessario tirar o retrato. Então, corta-se o cabelo, aparam-se as barbas—quem as tem—ondula-se o cabelo—quem o usa—passa-se o vestido a ferro, rectifica-se o vinco das calças, toma-se um ar sorridente e pousa-se para o fotografo.

A nossa policia teve que cinematografar-se para que se saiba em Berlim das suas prendas fisicas. Todos os agentes se barbearam, se escovaram, engraxaram as butifarras, deram pomada nos metaes e, empertigando-se, endireitando os bonets, pregando ao labio um sorriso de bailarina hespanhola, desfilaram, de bandeira desfraldada, musica e corneteiros á frente, perante a objectiva do operador.

Seria injusto que só os subditos do *Kaiser* Hindenburgo apreciassem o *film* ultimamente tirado. Tenho fé que tambem havemos de o saborear num dos nossos salões de projecção. A musica que deverá acompanhar o desenrolar da fita está naturalmente indicada. E' aquele fadinho do *Civico*, que rematava dizendo

E tudo por seis tostões

Bastará actualisar a moêda. Hoje é tudo por quinze escudos.

UMA HISTORIA INGLEZA

Não sei se gostam de historias inglêsas. De resto, a que lhes vou contar tanto podia ser inglesa, como perúana. Um inglês de posição deliberou fazer uma viagem de recreio. Para não se embaraçar com bagagem inutil, deixou a mulher em casa. Esta, passado algum tempo, recebeu dum hotel da Holanda a seguinte carta:

Minha senhora:

Temos o desgosto de participar-lhe que seu esposo, nosso hospede, foi vitima duma congestão cerebral quando se encontrava no W. C. do nosso estabelecimento. Esperamos ordens.

A inconsolavel viuva respondeu imediatamente por telegrama:

Recambie bagagem e puxe corrente autoclismo.

A' VOLTA DO «FAUSTO»

Cantou-se ha dias o *Fausto* no S. Luiz. A' saída encontrei um amigo meu, ourives, que me explicou ser a primeira vez que ouvia a musica de Gounod.

—E gostaste?
—Não desgostei. A musica não é feia. O enrêdo é que é um bocado tolo.
—Sim?
—Pois não é? Não se explica o que é feito das joias.

ALGUNS PEQUENOS [PENSAMENTOS

Ha certas mulheres que levam quarenta e tantos anos para chegarem aos trinta.

* * *

Não ha amigos. Ha pessoas acerca de quem temos certas ilusões.

* * *

O trabalho é sagrado para muitas pessoas. Nem se atrevem a tocar-lhe.

* * *

As opiniões são como as gravatas. Não se devem trazer á rua as que dão muito nas vistas.

ANDRÉ BRUN

P. S.—Não revendo estes artigos, não sou responsavel pelas «gralhas». Peço para ser absolvido por falta de provas.

O que se vê

CARLOS CARNEIRO, ilustre pintor e desenhador portuense, que realiza com grande exito uma exposição no Salão Bobone.

Lisboa tem corrido, cheia de interesse, á Bobone, a admirar o moço e ilustre pintor portuense Carlos Carneiro, filho do grande retratista Antonio Carneiro, e já consagrado pela sua exposição do ano passado no Porto, extraordinario sucesso de critica e de publico. Carlos Carneiro é um modernista cheio de equilibrio. Alia o ritmo da hora contemporanea, vertiginosa e complexa—com a eterna verdade humana. Os seus quadros não pertencem apenas á galeria das actualidades; desvendam mais fundo e atingem a psicologia invariavel das almas em espectaculo.

A sua exposição apresenta duas faces salientes: a de guerra, dramatica e cheia de violencias sugestivas; e a de mundanismo, harmoniosa de futeis delicadezas.

Uma grande parte dos trabalhos de Carlos Carneiro já foram adquiridos, e quem desejar possuir algum dos que restam deve apressar-se em marca-lo, enquanto é tempo.

Os nossos parabens ao notavel desenhista, a quem toda a Lisboa culta e elegante tem ido prestar uma unanime homenagem.

—Essa mulher é tão descarada que anda sempre a dizer insultos que nem ao meu proprio marido eu era capaz de chamar!

Curiosidades

Cavalos

celebres falados e lembrados...

A VOZ E A DISTANCIA

Trinta e trez kilometros tem sido a maior distancia a que se tem podido ouvir a voz humana, sem auxilio de aparelhos.

A experiencia efectuou-se no Grande Canhão de Colorado, colocando-se em um dos seus extremos um individuo que com toda a força dos seus pulmões, pronunciou o nome de *Bobe*. A voz foi ouvida com perfeita clareza no outro extremo da gigante garganta montanhosa.

COMO DORMEM AS OSTRAS

As ostras e os caracoes não dormem no sentido ordinario da palavra; quer dizer, como fazem alguns animaes e alguns peixes, de noite. Mas alguns d'eles teem a propriedade de permanecerem em letargo, uns, durante a estação do frio, e outros, durante a do calor.

Nos mares arcticos ha uma especie de ostra que fica solidamente congelada durante os mezes do inverno polar, mas desperta, recobra a vida, alimenta-se e cresce durante o curtissimo verão.

Nos charcos da Florida ha um caracol de agua doce. Os charcos formam-se e secam em periodos de sete anos; pois durante a seca estes notaveis caracoes agarram-se fortemente ás margens e conservam-se assim durante anos inteiros, até que, voltando a agua recobram a vida.

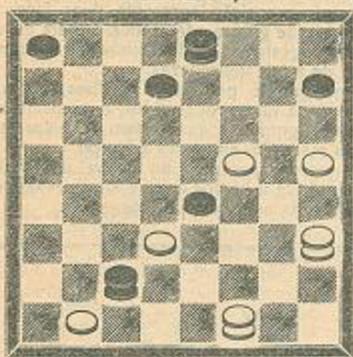
Solução do problema n.º 60

	Brancas	Pretas
1	24-27	32-23 (a)
2	12-16	20-11
4	2-16-26	31-22
5	28-32 (D)	
	Ganha	

(*a*)

	Brancas	Pretas
1		31-25
2	12-16	20-11
3	2-20-27-14	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 61

Pretas 2 D e 4 p.

Brancas 2 D 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 59 a sr.ª D. Emilia de Sousa Ferreira e os srs.: Artur Mascarenhas Martins, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Espectriz, José Brandão, Neulame, Ruy Ferreira, Sueiro da Silveira e Vicente Mendonça,

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Julio Alves Oliveira.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

O CAVALO DE NAPOLEÃO.—O grande politico e general francez, não só tornou a sua Patria uma nação poderosissima como ainda imortalisou tudo o que com ele viveu, incluindo os cavalos que montou e que ainda hoje são falados. Entre outros cita-se por exemplo aquele branco de que se pregunta a côr numa adividha de creanças...

Os cavalos de Napoleão parece que compartilhavam da boa estrela que o protegia a ele, pois as balas respeitavam-os, como respeitaram, quasi sempre, o cavaleiro invulneravel, que os associava no perigo. Lá está este socegadamente, estendendo a mão esquerda (um pouco de mais, se nos não ilude a vista) emquanto as bombas lhe rebentam em torno, sem o ferirem.

Napoleão, apeado, entre dois oficiaes do seu estado-maior, e seguindo as peripecias do campo de batalha, está tão impassivel, como o seu cavalo, ás bombas que o desenhador foi prodigo em lhe fazer rebentar por cima.

Parece-nos ser este o cavalo branco, ou antes a egua branca, que foi, durante muitos anos, para Napoleão, a sua montada favorita: aquela que relinchou de coragem e satisfação, ao ver assomar de manhã, no oriente, o sol de Austerlitz.

O nosso saudoso orador Manuel da Assunção, trouxe a pêlo o «cavalo branco de Napoleão», a proposito de qualquer coisa da nossa politica, quando veiu a primeira vez á camara, e ali fez a sua auspiciosa estreia parlamentar. Foi o bastante para que, toda a vida, debicassem com ele, e com o «cavalo branco», os literatos que lhe não eram afeiçoados, e os seus adversarios politicos.

O ROCINANTE.—Sabe-se o que pensava D. Quixote antes e depois de cada uma das aventuras em que se metia. Não se sabe, menos circunstanciadamente, qual era o pensamento de Sancho Pança, nas mesmas ocasiões, geralmente criticas. O que, por infelicidade, se não ficou sabendo, foi o que pensaram o Rocinante e o burro, n'aquelas diversas aflicções e dificuldades em que, com seus amos, se viram metidos. Pois haviam de pensa-las boas, temos a certeza d'isso! E se o grande Cervantes, que os imortalisou, dando-lhes a existencia, que eles, na realidade, nunca tiveram, e tornando-os inseparaveis dos seus heroes, houvesse tido, para com os dois pobres brutos, a paciencia de Esopo e de La Fontaine, não lhes negando a fala, de que ambos eram dignos, e que saberiam aproveitar muito melhor do que certa gente, que talvez os ridicularise, que soberbas paginas cheias de filosofia e de bom senso, não teria acrescentado ao seu soberbissimo livro!

O CAVALO DE TROIA.—Cavalo de pau, que em vez de transportar os cavaleiros no lombo, os levava nos intestinos. Dizem que figurou em Troia. O que é facto, é que ficou para sempre na «Eneida» e na «Iliada». Virgilio e Homero deram-lhe a imortalidade em versos magnificos, e encheram de louvores a sagacidade de quem o inventou, e a eles proprios de elogios. Coitado! pois como ardil de guerra, póde limpar a mão á parede, que foi deveras primitivo!

Não é facil dizer quem fosse mais ingenuo: se os gregos que o inventaram, se os troianos que o enguliram! Dez anos estiveram a paciencia e a imaginativa gregas, parafusando no modo de conquistar pela astucia a cidade que não podiam render, nem pela fome, nem pela força; e afinal sahiram-se com aquilo! E querem fazer-nos acreditar que foram eles, nos ocios d'esse prolongadissimo cêrco, os inventores do xadrez! Como havia de ter imaginação para inventar o mais sabio de todos os jogos, a mesma mente que foi capaz de inventar o cavalo de pau?

Bemditos tempos de inocencia! Então, os troianos abriram as portas a uma bisarma d'aquelas, carregada de inimigos! Hoje, nem um, vinte vezes mais pequeno, lograria passar, carregado de azeite de contrabando, ás portas de Campolide.

O PÉGASO.—É o cavalo olimpico; o cavalo das Musas. Estas lá estão em fila, no terceiro plano. Pégaso, sem freio, de azas abertas, e atirando coices nas estrelas, sacode de si o desgraçado que tentou montál-o, e que, vendo-se perdido, se lhe agarra ao pescoço.

Mas nada livra este pobre diabo (nephelibata, decadista, satanico, ou coisa parecida) de pregar com os ossos no chão, exatamente como os tres companheiros, que tiveram a mesma sorte, e que, derrubados, o esperam.

As Musas, na sua impassibilidade, folgam de vêr como são castigados os audaciosos que, não se conhecendo, tentam subjugar o corcel divino; e vão contando os que ele despede pelas orelhas, punindo-lhes a atrevida pretenção.

Estamos em crer que, apesar de mythologico, ainda não houve cavalo que fizesse dar mais tombos! O que valerá a muitos, d'aqui em deante, será... o velocipede, pois estes tempos de agora já não são para altas cavalarias.

Pégaso, embora nascido nos tempos primitivos e fabulosos da Grecia, só começou a ter azas no tempo de Pindaro, e só foi graduado em cavalo das Musas, e em simbolo da poesia, em tempos modernissimos. Esse atributo não foi conhecido da antiguidade. Quem lho outorgou foi o poeta italiano Boiardo, no seu *Orlando Innamorato*.

UM MUSEU DE JORNAES

Em Aquisgren, ha um museu de periodicos, que tem um exemplar de todos os que se publicam no mundo. Da curiosa coleção, o maior é o «Illuminated Quadruple Constellation», que tem 2,39 metros de comprimento por 1,68 de largura, e o mais pequeno é «El Telegrama». de Guadalajara (Mexico), que é duzentas vezes menor que o anterior.

AS OSTRAS E A MEDICINA

As conchas das outras pulverisadas constituiam um dos remedios que os medicos da edade media davam ás creanças que sofriam de escrofulas.

E vemos agora que tinham razão.

As conchas conteem cal, nitrogeneo ferro, enxofre, magnesia, bromureto, acido fosforico e iodina, substancias estas excelentes para as creanças fracas.

O PODER NAVAL DA INGLATERRA

Por ordem do almirantado inglez, antes de se proceder á construcção de um novo navio de guerra, faz-se um modelo perfeito em cera, para comprovar a sua estabilidade e condições maritimas.

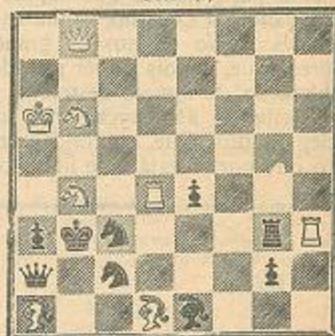
Os modelos medem de quatro a oito metros de comprimento e provam-se num tanque de 120 metros de comprimento por 6 de largo.

Os modelos fazem-se de cera, porque este material não absorve a agua nem muda de peso. Além d'isso, podem fazer-se facilmente quantas alterações se desejem e aproveitar a cera para outros modelos.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 61

Por Mansfield (1.º premio 1925)

Pretas (9)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 59

1 D 2 C D

Resolveram os srs. coronel Nunes Cardoso, Vicente Mendonça, Sueiro da Silveira, João Salazar d'Eça, Marcelino Marques de Barros, Grupo Albicastrense.

Terminou o primeiro giro da final do torneio campeonato que se está jogando no Gremio Literario; os jogadores mais classificados, são no momento actual os srs. A. M. Pires, Dr. J. M da Costa, Dr. M. Machado, A. da Silva e engenheiro E. Pellen sendo dificil, ainda, fazer qualquer previsão sobre o resultado final.

á sucapa...

NO GIMNASIO

GIL FERREIRA, na *Banca á Gloria*, em scena com grande exito. *[Desenho de Botelho]*

O «Coq d'Or» e as galinhas portuguesas...

Quando ha noites fomos ver um espectaculo ao Teatro da Trindade, á entrada um amigo, avisou:

—Se conseguires resistir ao sono um quarto d'hora, ganhas uma taça! Pois fomos... e voltámos lá na noite seguinte...

Por certo a troupe «Coq d'Or» não nos traz maravilhas de belesa, está muito longe mesmo do renome que fizeram em sua volta, mas, que demonio, ali ha intenção! Por vezes mesmo ha uma tintura forte de arte e está para os quadros de conjunto portugueses como uma valsa de Strauss está para um batuque de pretos!

Ha por vezes uma certa pobreza de exibição mas o que não se pode negar é que no «Coq d'Or» aparece inteligencia, unidade, harmonia e orientação! Não é o ultimo grito da arte... mas quem nos déra ainda dizer, que existe por cá parecido...

Um grande ponto de interrogação

A classe teatral anda assustadissima com a aproximação da epoca de inverno.

O inverno já foi uma espiga para muitos, mas a proxima epoca vae ser peor se Deus lhe der vida e saude...

O publico não vae aos teatros, diz-se.

SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA

BOA MUSICA

OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa

Olimpia

Sempre as ultimas novidades em cinematografia

Manual do Perfeito Homem de Teatro

IV

A ARTE DE SER ACTOR

Os actores dividem-se nas seguintes especies:

ARTISTA
ACTOR
COMPADRE
FURIOSO
CANASTRÃO

Artista é o comediante que tem a monomania de fazer Arte. Esta especie cahiu ha muito em desuso e hoje, apenas existem uns rarissimos exemplares que apodrecem nos museus.

Actor, é o comediante que tem o oficio de ir para o palco mais ou menos pintado e sabendo os papeis mais ou menos.

Se é *actor comico*, tem muita graça se o papel foi escrito com espirito, se é *actor dramatico* farta-se de ir bem se o papel é um «Custodia», «Braz» «Bobo», «Louco» ou outro qualquer de meia bola e força.

Compadre é o comediante que representa porque nem isso mesmo sabe fazer.

Em geral deixou um oficio onde era obrigado a trabalhar, mas graças a uma amizade com o emprezario, está sempre contratado, faz beneficios todos os meses e mete vales todas as semanas.

Furioso, é o *comediante* que tem a monomania de que é o Zaconi, que regeita papeis que «não são para a sua categoria», que anda sempre em sarilhos com o nome no cartaz, é estupido como uma lúla e «atira-se» a todas as actrizes.

Canastrão, é o comediante que anda sempre a pedir emprego, que está trez anos sem trabalho e não deixa de querer ser actor, que julga que puxar pelos papeis é meter coisas de sua casa, e organisa beneficios de proposito para fazer os primeiros papeis das peças.

Estas varias especies, entre si, tratam-se por «gajos» mas em conjuncto, chamam-se *artistas*. (1)

Os comediantes são todos muito amigos uns dos outros mas é conveniente não estar entre dois, quando estão separados por mais de um metro de distancia.

Actor consciencioso, é o comediante que não diz nada porque o camarim é longe, que não regeita papeis, que vae sempre ás horas do ensaio, que não se mete na vida dos outros e que jamais refila quando as emprezas não pagam.

A principal função do actor é não fazer nada que meta esforço e ter vaidade para uma casa de familia.

O actor pode deixar de saber ler que isso não faz ao caso. O que não pode deixar de ter é uma raiva danada aos que supõem que ele é incapaz de ser «Novelli».

O actor comico tem apenas um «desideratum»: Fazer um «compére», emprego muito lucrativo, que faz sempre boa figura porque em geral os auctores tratam d'esse papel com mais cuidado e em que o comediante pode falar á vontade porque, as asneiras que disser julga o publico que são para fazer graça.

O sitio onde habitam os actores chama-se—«Chic» e parece que o proprietario vai promover leilões em lotes, todas as quintas-feiras.

O actor tem uma qualidade extraordinaria: Ganhar um ordenado de mil escudos mensaes sem fazer nada, isto é, tem de ir para o Teatro á uma hora da tarde, dar meia hora de ensaio e ir á noite dar outro tanto tempo de espectaculo.

A alguns actores é permitido não pagar as contas dos hoteis durante as *tournées*, facto que é tomado é conta de bohemia com muita graça.

(1)—Deve notar-se que são os actores que a si proprios se chamam artistas. O publico chama-lhes simplesmente, e muito judiciosamente, «actores» ou «comicos».

TREMIDINHO

á sucapa...

Fazer o quê?—preguntamos nós nesta má creação muito apreciada por todos que não concordam que temos razão.

Está provadissimo: Ponham espectaculos decentes que o publico não falta... mas para isso só com um terramoto de seis mezes...

A pecha das letras grandes

Na «troupe» russa que esteve no Trindade, havia dois ou trez artistas que o eram a valer. Pois o publico nem sequer lhes soube os nomes porque nem os cartazes nem os programas tratavam d'essa questão. Se fosse cá! Rapazes que até tinha havido tiros!

E os da troupe russa, alem de serem artistas a valer, trabalhavam, isto que se chama mesmo «trabalhar»!

Se fosse uma troupe portugueza... A gente nem diz nada para não parecer que é mesmo de proposito...

Associação dos Frequentadores de Teatro

A' hora a que fôr posto á venda o nosso jornal, deve distribuir-se um manifesto d'esta nova agremiação, em que se dizem coisas do arco da velha.

Folgamos com a fundação d'esta coletividade e ficamos á espera do resto. Sim, porque tudo nos leva a crer que, mais dia menos dia, apareça a Associação das Pessoas que nunca vão ao Teatro, O Gremio das Pessoas que só vão de graça ao Teatro, e o Sindicato Unico dos que nem mesmo de graça vão ao Teatro...

O «Nacional» sempre na baila

Afinal já se sabe que o governo tenciona explorar o Teatro Nacional. Outra coisa não é a tal «Regie» aprovada no Conselho Teatral.

Mas pregunta a nossa curiosidade: E o resto? Quem governa lá dentro? Quem forma o elenco? Quem o escolhe?

Se alguem nos responde a estas tres preguntas, já poderemos, sem grande custo de adivinhação, profetisar seguramente a vida do Teatro Nacional que já é por ahi chamado «O Teatro de Anatomia Dramatica»...

Teatro Maria Vitoria

HOJE A APLAUDIDA REVISTA

FOOT-BALL

O maior sucesso da actualidade

S. Luiz	Gymnasio	Avenida	Politeama	Nacional	Trindade	Apolo	Coliseu
Companhia de opera grande sucesso.	«Banca á Gloria» com Palmira Bastos e Gil Ferreira	Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.	Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, «Não te melindres Beatriz».	«O Amor Vence».	A grande companhia de bailados russos «Coq D'or»	Companhia «Ilda Stichini—Rafael Marques».	As ultimas novidades d grande companhia

UMA NOVELA COMPLETA

UMA NOVELA COMPLETA

O nosso grade concurso de noveis curtas

O juri que presidiu á leitura das novelas s entradas, classificou com dois primeiros premios, as nove ue hoje publicamos

NO PROXIMO NUME

Publicarem terceira novela que ganhou um primeiro premio

1.º PREMIO

A CATAS-TROFE

A profecia do sabio alemão saíra certa. Era então verdade que o mundo ía acabar!

A terrivel estrêla que devia pôr a Terra em chamas, aparecia lá ao longe, de dia envolvida numa especie de fumo pardo, e de noite alvejando o planêta com uma claridade baça, onde uma luz mais viva brilhava de quando em quando.

A principio quando da America transmitiram a má nova, toda a gente ria incrédula. Porém, quando a estrêla na noite de 9 de janeiro de 19.. espalhou na terra a sua luz sinistra, um pasmo estúpido, seguido de enorme confusão, sucedeu aos risos e chufas com que a notícia fôra acolhida na capital.

Era então verdade que o Mundo ia acabar!...

* * *

12 de Janeiro.

Milhares de pessôas correm ás ruas de dia e de noite, a observar o astro funesto que se propõe arrasar a Terra.

A polícia tenta dispersar os ajuntamentos para evitar os roubos mas não o consegue completamente. Por toda a parte se ouvem discussões e prognosticos sobre o perigo eminente.

13 de Janeiro.

Hoje é grande a multidão aglomerada nas ruas. Ouvem-se gritos daqui, desordens mais além, enfim, uma confusão enorme em que se adivinha o temor pelo tragico fim que todos preveem.

Olhei a estrela: está menos nubláda mas mais brilhante, muito brilhante mesmo. De dia para dia aumenta aos olhos atónitos da humanidade horrorisada!

Nada pode suster a sua marcha fatal, nada a não ser Deus. e esse desapiedou-se do Mundo!...

20 de Janeiro.

Passou-se já uma semana. Sete dias de anciosa espectativa.

Parece que a temperatura do ar tem aumentado de hora para hora. Efectivamente a atmosfera que nos envolve está pesadissima e começa a arder na garganta e nos pulmões. Olhando para o ceu, este dá-nos a impressão da côr do chumbo.

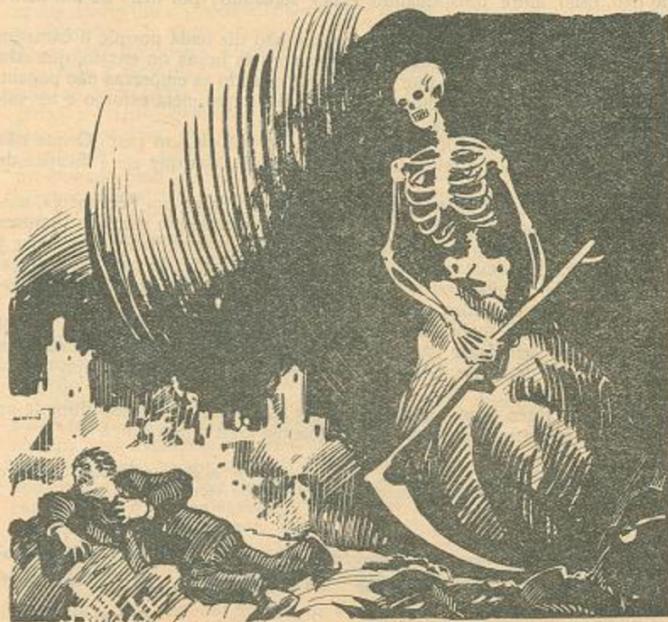
23 de Janeiro.

Hoje mal se vê o sol. Parece que vamos ser envolvidos por uma nuvem dum tom cinzento e uniforme, para mim de origem desconhecida. Ha porém quem afirme ser o fumo dalgum incendio enorme, outros julgam ser vapor de agua, outros têm ainda mais opiniões, porém todas elas ajudam a confusão, infiltrando-se no espirito supersticioso do povo.

Já ninguem trabalha. As oficinas e estabelecimentos da capital pararam de vez—suponho que noutras terras sucedeu a mesma coisa—A fome anuncia-se já por Lisboa fora.

São frequentes os assaltos e os roubos sem que alguem tente impedi-los, nem mesmo a desorientada policia.

25 de Janeiro.

As fontes publicas secaram por completo, devido talvez ao calor enorme de que estamos rodeados. A sêde corre atraz do espectro da fome a percorrer a cidade inteira.

Ha oito dias que nas estradas dos arredores se cruzam milhares de pessoas, umas que fogem, outras que entram na cidade.

27 de Janeiro.

A situação assim é insustentavel!

O sol está já completamente encoberto pelo nevoeiro que apareceu a 23, e de tal maneira que de dia já mal se vê.

Dentro da capital vê-se uma multidão a correr, pais gritando pelos filhos, creanças a chorar pela mãe que se perdeu, mulheres que o terror paralisa desmaiam, caindo de bruços sobre o solo esbrazeado, emfim, por entre a confusão vêem-se os mais fracos com os rostos lividos e respirando o ar opaco e ardente a fraquejar de desespero.

E' o caos que precede todos os desastres.

. . . .

Lembro-me ainda que fugi de casa espavorido e corri como um louco, a gritar de raiva, e de dôr, injuriando a Deus por tanto me fazer sofrer. Voava de encontro á morte fosse ela qual fosse, disposto a matar e a morrer depressa, para acabar com o tormento que o destino me mandára.

Pareceu-me que estaquei num largo, numa clareira qualquer, esfalfado.

O nevoeiro só deixava vêr a pequenissima distancia. Apezar disso os meus olhos desmedidamente abertos, julgaram lobrigar ao pé de mim muita gente a correr e a gritar como eu.

Depois, nada mais pude vêr.

Ouvi uma derrocada tremenda, que se repetiu ao longe com um eco medonho e me fez cair inanimado sobre as pedras ardentes dum passeio.

. . . .

Ao voltar a mim o nevoeiro havia desaparecido.

Comigo passava-se qualquer coisa de extraordinario: parecia-me que estava suspenso na atmosfera. Nada sentia... Apezar disso via perfeitamente... Compreendem?... Via e ouvia, se não melhor, pelo menos, tão bem como dantes... E' extraordinario porque eu estava convencido que vivia ainda...

Dispuz-me então a olhar em volta. A antiga cidade era um montão de ruinas. Aqui e acolá jaziam cadaveres com o horror estampado nas faces contraídas. E lá em baixo, na calçada, sobresaindo no fundo livido do ceu, movia-se um conjunto de manchas negras e cinzentas. A curiosidade fez com que os meus olhos parassem a observar. No entanto mais valera que o não tivesse feito! O terror invadiu me por completo!... Sabem?...

Era a *Morte*!... A *Morte* tal qual os homens a pintavam, mas enorme, com a caveira a alvejar na negrura do manto, e que subia a rua a passos gigantescos!...

Nunca me lembro de ter tido um pesadelo tão grande!

F. A. M.

Era a Morte... tal qual os homens a pintam ...

1.º PREMIO

A Historia daquele cachimbo...

—MINHA Maria adorada!

Nem podes calcular o amor que te consagro.

Sinto-me tão feliz junto de ti, idealiso um futuro tão sorridente!

Termos a nossa casinha nos arredores da cidade, muito branca, muito alegre, onde á tarde,—ao regressar do meu trabalho quotidiano,—eu encontre os teus braços sempre prontos a enlaçarem-me com ternura, os teus lábios a sorrirem-me com carinho...

E os meus sonhos são bem realisaveis; basta para isso que sejas muito amiguinha do teu Jorge,—e tu és muito, não é verdade?

—E'...

—E serás sempre?

—Sim...

—Juras?

—Para quê? Eu, bem sabes que não gosto de jurar,—o que afinal de nada serve.

Não tens ouvido dizer que «quem mais jura mais mente»?

—Mas faz-me a vontade.

Juras?...

—Está bem. Juro...

—Maria! noto uma frieza nas tuas palavras, que não corresponde ao grande amor que te dedico.

Dar-se ha o caso de estares aborrecida de mim?!

—Aborrecida, porquê?!

—Sei lá! vêjo tudo tão mudado...

O que te peço é que digas a verdade, que sejas franca...

* * *

Jorge d'Almeida contava vinte anos.

Nascera numa aldeiasita da Beira Alta, tendo vindo ainda criança para Lisboa, onde frequentara as primeiras classes do liceu.

A sua ambição era tirar um curso,—ser medico ou advogado.

Mas o pequeno tinha pouca sorte; quatro anos depois, num curto espaço de tempo, faleceram-lhe pai e mãe.

Sem recursos, viu-se na necessidade de ganhar a vida para poder sustentar-se.

Conseguiu um emprego modesto num escritório da baixa e ali, com os conhecimentos que já possuia, a sua inteligencia e bôa-vontade de trabalhar, depressa conquistou uma situação por muitos invejada.

O feitio de Jorge era concentrado e triste.

Na sua idade, quando os outros rapazes se divertiam em teatros e passeios, ele preferia a tranqüilidade do seu quarto alugado, lá para os lados do Intendente.

Lia muito, conhecendo quasi de cór as obras dos melhores autores.

No liceu, habituara-se a fumar,—e o vício apoderara-se tanto dele que era raro ve-lo sem o cigarro na boca.

Ler e fumar, eram as unicas distracções dos seus vinte anos melancolicos...

* * *

O acaso fê-lo conhecer Maria.

Os seus encantos, a sua graça, prenderam-no por completo.

Aquele coração que muitos julgavam frio, incapaz de vibrar por alguem, bateu mais fortemente.

E Jorge amou pela primeira vez,—amou com toda a sua mocidade, com todo o fogo da sua alma em flor!...

Escreveu-lhe uma carta,—meia duzia de linhas em que a sinceridade substituía a literatura,—confessando o seu imenso amor.

Maria correspondeu-lhe; êle então sentiu-se cheio duma felicidade desconhecida que o embriagava...

Os pais de Maria,—dois velhotes bem conservados que viam na filha todo o seu enlevo,—sabendo as bôas qualidades de Jorge d'Almeida e algum futuro que poderia vir a ter, não contrariaram aquele amor que nascia sorridente,—como nasce um dia límpido de Primavera...

* * *

Era um domingo quente de Setembro.

Maria e Jorge, resolveram ir até Sintra,—passeio desde ha muito combinado.

Acompanhados pela bondosa e condescendente D. Palmira,—a mãe dela—lá partiram de manhã cedo com o classico farnel numa já usada mala de mão.

Estava um dia lindo.

Passeram muito,—correram atraz um do outro,—brincaram como duas creanças...

Depois deitaram-se a descançar á sombra acolhedora duma arvore, gosando o ar purissimo da Serra que parecia ter envergado as suas melhores galas para os receber...

. . . .

—O Jorge fuma imenso! notou D. Palmira ao ve-lo acender mais um cigarro,—isso não pode fazer-lhe bem...

—Faz-me bastante mal...

Muitas vezes sinto-me indisposto, com umas dôres de cabeça violentas.

Ainda ha pouco tempo me recomendou o medico que deixasse o fumo, pois seria da maxima conveniencia...

—E porque não deixas? preguntou, Maria entretida o observar as curvas que descrevia uma andorinha voando ao longe.

—Não posso!...

Ficaria tão grato a quem, com as suas palavras e conselhos, conseguisse tal milagre!...

Concluiu olhando intencionalmente para Maria que não reparou,—ou fingiu não reparar...

* * *

—Ainda quatro horas!

Exclamou Jorge apoz ter consultado o relogio.

Estava impaciente por saír do escritório.

Fazia anos nesse dia e ela prometera-lhe «um presente muito bonito, de que havia de gostar muito»!...

—Que seria? Tinha-lhe dito isso duma forma tão extranha, que Jorge nem sabia o que pensar...

Na sua frivolidade, tão depressa se mostrava carinhosa, como o tratava duma maneira cruel que o feria duramente.

Chegou emfim a hora da saída.

Correu para casa.

Maria não faltava á sua palavra; no quarto em cima da mesa, onde se via um retrato dela engrinaldado com flores lindas e viçosas, repousava um pequeno embrulho em papel de seda cingido com uma fita vermelha.

Era o presente,—o tal presente de que ele «havia de gostar muito»...,—um estojo contendo um cachimbo elegante, autentico, inglês...

Jorge ficou petrificado; o cachimbo fôra uma revelação.

* * *

«Maria.

Agora mesmo que me preparava para ir fa-

Ficaria grato a quem conseguisse tal milagre

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

A historia daquele cachimbo...

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

lar contigo, como de costume, recebi a tua lembrança que muito e muito te agradeço.

E agradeço-ta por dois motivos: porque me faz arranjo,—e depois porque fico conhecendo a dedicação que tens por mim.

Talvez não te lembres, mas não ha ainda oito dias que te disse quanto me era prejudicial fumar e até que ficaria bastante reconhecido a quem conseguisse tirar-me tal vício.

Ora depois destas palavras ofereceres-me um cachimbo, has-de concordar que foi uma ideia infeliz.

Vendo assim confirmadas as minhas suspeitas,—o teu despreso por tudo que me diz respeito,—sou obrigado a despedir-me de ti para sempre,—e faço-o com as lagrimas nos olhos...

Amanhã receberás as tuas cartas, fotografia, e o mais que me deste.

Só conservo o cachimbo de que passo a utilisar-me e esse mesmo tambem irá um dia,— *no dia em que deixar de fumar*, o

Jorge»

* * *

Maria não tornou a saber dele,—e depressa o esqueceu como um objcto inutil.

Entretanto Jorge padecia cruelmente.

O cachimbo nunca mais lhe saiu dos lábios; era tudo quanto lhe falava do seu amor, era tudo quanto restava dela.

Fumava sempre, fumava mesmo com loucura.

Assim foi passando algum tempo.

De tanto sofrer, de tanto fumar; Jorge tuberculisára-se pouco a pouco, umas olheiras muito rôxas cavavam-lhe os olhos sem brilho, uma tosse violenta, brutal, parecia arrancar-lhe os pulmões.

Nem sequér podia saír...

As unicas forças que lhe restavam eram unicamente—para fumar...

Da casa onde estava empregado, nos dois primeiros meses da sua doença, ainda lhe mandavam pessoalmente o ordenado.

Porém depois,—vendo talvez que demorava muito a morrer,—os patrões deliberaram afastá-lo do serviço, «pois os negocios corriam mal...»

«Um dia que melhorasse, lá teria o seu lugar garantido»...

Jorge recebeu a punhalada filosofando:

—Afinal eles teem razão.

De que lhes servia eu agora?

O pior é que faltando-me o dinheiro, tambem me falta o tabaco...

Até que emfim! *vou deixar de fumar!*...

E, enquanto uma espiral de fumo se desfazia no ar,—como se tinham desfeito as suas ilusões,—um sorriso enigmatico bailou-lhe nos lábios descorados...

* * *

Naquela manhã Maria levantara-se nervosa, com um mal-estar que nada havia que explicasse.

Estava ao espelho compondo o cabelo;—um lindo cabelo negro cortado «à garçonne» quando entrou no quarto uma amiga de infancia, sua visinha.

Vinha transtornada.

Dirigindo-se a Maria, preguntou-lhe vivamente:

—Então já sabes?

—O quê?

—O Jorge, aquele rapaz que tu namoras-te...

—Casou?!

—Não...

—Está doente?...

—Tambem não... Ontem á noite,—suicidou-se dando um tiro em pleno coração.

Maria cambaleou, sentiu vergarem-se lhe as pernas.

Nisto uma creada,—uma velha creada da casa,—veio entregar-lhe um embrulho, «uma encomenda que o correio trouxera para a menina...»

—Uma encomenda para mim?! estranhou Maria, e febrilmente, nervosamente, começou a desembrulhar.

Era uma caixa pequena, destas caixas de charutos.

Abriu-a: lá dentro estava um cachimbo amarelecido pelo fumo, roído com raiva por uns dentes agudos,—um destroço...

Maria então compreendeu tudo.

Viu reflectir-se ali toda a tragedia daquele pobre rapaz que tanto lhe tinha querido e que lhe enviava no momento supremo em que ia defrontar a Morte—trágica ironia!—a arma que ela propria lhe dera para morrer...

E uma lagrima sincera,—uma pérola caída num monturo,—tombou sobre aquele pedaço de madeira queimado, apodrecido,—que fôra em tempos um fino cachimbo inglês...

BARROS DA FONSECA

Barreira de Sombra

A PROXIMA TEMPORADA

A «Aficion» tem motivo para esperar que seja uma grande corrida a de 4 de abril no Campo Pequeno, primeira da temporada. E' que se inicia nessa tarde um concurso de bandarilheiros que está excitando a rivalidade dos nossos artistas. O concurso será feito segundo um regulamento especial que está sendo elaborado e vai ser sugeito á apreciação dos criticos, para o que a empreza os convidou a uma reunião hoje no seu escritorio, Rua da Prata, 237, 2.º, ás 14 horas.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

EXPÕE PRESENTEMENTE OS MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE SE EXECUTAM EM LISBOA

R. da Escola Politecnica, 141

OFERECE-SE

Rapaz de 15 a 16 anos, com exames, para: escritorio, mercearia, livraria ou qualquer casa de negocio. Dá referencias. Carta ao agente da Guia-Oeste—sr. Vasco da Gama ás letras I. D. L., dizendo ordenado e condições e apresentação ao serviço.

Compre o LIVRO DO BEBÉ para registar a vida do seu menino.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

EDIPO, ETIEL, CAMARÃO, JOFRALO, LHALHA, ROBUR, BISTRONÇO, RAZALAS, A. D. MEIRA, D SIMPATICO, (todos da T. E), e JORAIFE, (do G. E. L.)

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 60

QUADRO DE MERITO

9 DECIFRAÇÕES

D. GALENO (da T. E., e P. j. M.

DECIFRADORES DO N.º 60

DEDICATORIAS:

DROPÉ e CAMARÃO, decifraram as produções que lhe foram oferecidas.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Cruciar, 2—Sinhâma, 3—Justa, 4—Desproporcionado, 5—Maludo, 6—Lareta, 7—Mosfa, 8—Acicate, 9—Magister, 10—Moleque, 11—Traste, 12—Mancarra, 13—Penacova, 14—Aviso.

CHARADAS EM VERSO

Retribuindo ao D. Simpatico *a sua* Desproporcionado!

Por mais que eu me espichasse,—disse então—
Não «mataria» nunca essa charada!!!
?—Que encantos possuia a desgraçada
Para não poder «matá-la» um «Camarão»?

Julga que me *transtorna* ou dá massada—2
Ter que «matar» tamanha produção?
Engana-se: eu não sei mesmo a razão
Porque pensou ser grande a estopada!

Quiz-me fazer andar saltando *muros*—3
Metido a toda a hora em bons apuros
A pedir por favor a solução?

Suas esp'ranças ha-de ver perdidas:
Embora você seja um *fura-vidas*
Nunca dá que fazer ao «Camarão»...

Lisboa CAMARÃO (F. E. e G. E. L.)

REGRAS CHARADISTICAS

A Tertulia Edipica, no intuito de se conseguir o aperfeiçoamento da Arte de Oedipo e a unificação das suas regras, convocou, para esse fim, uma reunião de Directores de Secções Charadisticas, a qual se realisou na sua séde, no dia 31 de Janeiro p. p. o., tendo a ela assistido os confrades José Leoni Palermo de Faria, (J. L. P. F.) pelo *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro* e *Almanaque das Senhoras*, João Pavia de Magalhães, (Edipo) representando o Gremio Edipista Lusitano, do Porto e a Tertulia Edipica, Dr. Alfredo Leite, (Etiel) e João Salazar d'Eça, (Razalas) ambos tambem da T. E.: José Batista Vasques, (Matuto) pela revista *A. B. C.*, Armando de Lima Pereira, (Arierepamil) pelo *O Charadista*, Luiz Ferreira Batista, (Rei-Fera) pelo *O Domingo Ilustrado*, Augusto Carmo, pela revista *Eva* e Horacio Ferreira Saloio, (Hofe), pelo *O Marte*.

Depois de largamente discutido o assunto, assentou-se nas seguintes regras a adoptar:

CHARADAS EM VERSO:—Os conceitos *parciais* e *totais* serão sempre *grifados*.

LOGOGRIFOS: — Não devem ter menos de quatro *parciais* que serão tambem *grifadas* assim como o conceito, devendo repetir-se, aproximadamente, dois terços das letras que o compõem.

ENIGMAS: — Não havendo possibilidade de fixar as regras para a sua contextura, pois que é a composição charadistica que mais pode evoluir, deve-se, no entanto, grifar sempre o resepctivo conceito, na altura em que houver sido colocado.

CHARADAS EM FRASE:—Terão tambem as parciais e o conceito devidamente grifados, formando sempre uma frase bem construida.

ENIGMAS FIGURADOS: - Como principio de estetica, deve-se fazer todo o possivel por manter a simetria.

Os mapas, bustos e outras figuras deverão quando se prestem a varias combinações, indicar o numero de letras.

As letras que forem colocadas sobre simbolos, quando intercaladas, devem ser impressas a branco, colocando-se á direita ou á esquerda conforme a posição que ocupam dentro da palavra e as que se lerem antes ou depois das figuras serão impressas a preto.

No caso de inversão, qualquer simbolo, busto, mapa, arvore, etc., conservará a sua posição normal, ou outra que melhor se adqúe á simetria do figurado e *somente* o seu distico ou letreiro será invertido, isto é, colocado de forma que se possa ler virando o almanaque ou revista *de pernas para o ar*.

Ex. DIVINDADE terá por inversão o letreiro

ƎᗡⱯᗡNIΛIᗡ

Por analogia, as pautas musicais serão invertidas da mesma forma.

CONCEITOS:—Os conceitos, quer *parciais* quer *totais*, deverão ser *rigorosamente* verificaveis nos Dicionarios adoptados e quando empregados noutra acepção, sejam de categoria diferente ou se refiram a um nome individual, devem ser *grifados* e entre *comas*.

Os figurados podem ser formados por pensamentos, frases ou versos de autores conhecidos.

SILABAS: - Serão sempre divididas consoantes as regras gramaticais.

GRIFOS:—As citações, termos de giria, etc., intercalodas no texto de qualquer trabalho, serão publicadas no mesmo tipo de letra mas entre comas, para não estabelecer confusão com os grifos charadisticos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:—Nos casos omissos, os Directores procederão de harmonia com o espirito destas regras.

O numero Dicionarios e de especies a adoptar, ficam ao criterio dos dirigentes das respectivas secções.

REGULAMENTO INTERNO

Só se publicam as seguintes produções:

CHARADAS EM VERSO.
CHARADAS EM FRASE.
CHARADAS SINCOPADAS.
CHARADAS ELECTRICAS EM VERSO.
LOGOGRIFOS (baseados em versos originais).
ENIGMAS EM VERSO.
ENIGMAS FIGURADOS (bem desenhados em papel branco e a tinta da China)

DECIFRAÇÕES

O prazo para a entrega das listas de decifrações passa a ser de 15 dias a contar da data da saída dos respectivos numeros.

Todas as produções devem trazer, alem da decifração, indicado o dicionario ou dicionarios em que se verificam.

De futuro só se aceitam produções que se possam verificar nos seguintes dicionarios:

a)—Candido de Figueiredo, (1.ª, 2.ª, e 3.ª ed.).
b)—Fernando Mendes.
c)—Dicionario do Charadista.
d)—Jayme Seguier.
e)—Fonseca e Roquete.
f)—Francisco de Almeida e Henrique Brunswick.
g)—Francisco de Almeida.
h)—Henrique Brunswick.
i)—Silva Bastos.
j)—Simões da Fonseca 6.ª edição.
k)—Augusto Moreno.
l)—Sinonimos de Bandeira.
m)—Auxiliar de Bandeira.
n)—Mitologia de Bandeira.
o)—Do Povo.
p)—Chompré.

CORREIO DO

AFRICANO—VASCO H. DIAS. —Tenho estranhado bastante o seu silencio! Já se esqueceram de *O Domingo Ilustrado*?.

Terei muito prazer em continuar a publicar os seus belos trabalhos.

REI-MORA. — Gostaria de saber qual a razão que o levou a abandonar as lides charadisticas.

Será indistracção a pergunta?

LORD DAS NOZES.—Porque não envia a lista das decifrações?

REI-FERA

LOPES & CABRAL

Especialidade em artigos de mercearia de primeira qualidade

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181

LISBOA

TELEFONE 142 N.

RESPOSTAS A CONSULTAS

ENGUIÇO.—Força de vontade media, caracter dedicado e sensivel, ligeiramente optimista, bom gosto, sem muita vaidade e de ideias claras e justas, lealdade e franqueza, com boa memoria e trato afavel.

MATOLINHOS. — Caracter aberto, franco, apaixonado e impulsivo, uma pontinha de vaidade, ideias originais, graça, vivacidade de espirito, tudo isto era muito bom se não fosse tão preguiçoso moralmente: um tanto optimista e despreocupado.

MADEMOISELLE CASSIA.—Caracter desigual e muitos nervos, energia moral, um tanto diplomata, inimiga de gastar tempo nas coisas inuteis e é raro discutir sem contrariar ninguem embora por dentro não esteja de acordo, grande vaidade intima bem disfarçada, inteligencia assimilavel, generosidade bem entendida, sentimento de poesia.

MADEMOISELLE F.—Boa e cultivada inteligencia, nervos fortes e mal dominados, caracter brando «malgre soi même» espirito subtil e agudo, pouca vaidade e muito orgulho, sensualidade cerebral.

PEQUENINO.—Viva imaginação um tanto exaltada, impulsivo, energico e generoso, leal com os amigos, e bastante efusivo e de trato afavel, trabalhador (odiando o trabalho) um tanto vaidoso, amante de aventuras, falador..., discutidor... inteligencia mal aproveitada.

M.LLE FERDINANDA.—Boa força de vontade, inteligencia bastante cultivada, amor ás artes, caracter invulgar sem ser antipatico, bom gosto estetico, nervos bem dominados, temperamento forte nas paixões, espirito de justiça, amor aos livros mas não de literatura leve.

MIUDINHO.—Muitos pontos de contacto com «Pequenino» publicado acima, leia que serve para si.

FIANCEÉ. — Boa inteligencia, muitos nervos bem dominados, espirito creador e nada apatico, pratico, ordenado nos seus assuntos, um tanto esquecido quando se trata de objetos, ambicioso, amor á literatura, nada mentiroso.

MISS ESFINGE.—Imaginação um tanto romantica e sensivel, muito facil de apaixonar-se e extraordinariamente sensivel e subsceptivel, mundanismo, nervos cansados, espirito religioso sem exagero, prodiga para umas coisas e economica nas outras, bom gosto, vaidade, no fundo egoista, ciumenta.

MAROC.—Força de vontade fraca, ideias proprias e independentes, bom gosto artistico, generosidade bem entendida, dedicação, pouco espansivo o que faz com que os outros se enganem a seu respeito, bom coração, boa memoria, nervos fortes, amor aos livros.

VALISA.—Espirito agil e inteligente, apaixonado das suas ideias e vaidoso moralmente, simples no trato, lealdade e franqueza, sentimento de poesia, ordem e aceio, amor á estetica, generosidade impulsiva, um tanto teimoso a discutir.

PETIT.—Caracter franco e um tanto ingenuo, vaidoso de mais, um tanto inexperiente optimista, forte, energico e voluntario, autoritario, sensual, um pouco poeta, boa memoria, amor á dança.

J. A. C. P.—Até que emfim! chegou-lhe a vez, vê? é preciso paciencia para tudo e o sr. tem pouca e nervos a mais, originalidade e das ideias, mas um tanto mudavel n'elas, impulsivo em extremo, tem intermitencias de caracter em que ao mesmo tempo é generoso e não, o éf acilmente imitavel, orgulhoso intimamente,com um coração disposto sempre a proteger toda a gente, inteligente com imaginação voadora, um tanto excentrico, amante das belas artes, desordenado, com bôa memoria excepto para estudar, que assimila rapidamente.

M.ª JOSÉ PIGO.—Muita semelhança no caracter com J. A. C. P. embora não participe das mesmas ideias, temperamento nervoso em extremo, detalhista e um tanto teimoso, vivacidade, ideias muito independentes, bom gosto e boa memoria.

GINETTE.—Boa e cultivada inteligencia, caracter complexo e desigual, bondoso mas pouco expansivo e pouco meigo, acessos de colera violentissima, que não pode dominar, sentimento de poesia, é tambem um pouco filosofo tem pouca vaidade e muito orgulho, sensualidade fortissima, é muito original e como o não compreendem tem poucos amigos.

UMA QUE PENSA EM SER FELIZ.—Inteligencia mediocre, egoista, economia, curiosa, memoria excelente e caracter ciumento, amor ás flores, grande confiança em Deus, gosta de romances bonitos.

SERRACENO.—Espirito critico, justo e pratico, não muita boa memoria, pouca vaidade, de vontade fraca, ideias proprias e elevadas, bom coração, generosidade bem entendida, trato afavel, sensualidade cerebral.

UM SERRANO DOS HERMINIOS.—Caracter leal e aberto, com força de vontade fraca e intermitente, inteligente, de espirito artista, prodigo e desinteressado, tanto moral, como materialmente, ideias originais, é afavel e antipatico, conforme as pessoas, pois uma coisa que não sabe é violentar o seu caracter, é um pessimo diplomata. Orgulhoso, má memoria, preocupa-se pouco com os outros, e nada no vestir: Agora a outra analise que tanto lhe interessa: prejudica muito no grafismo não ter assignatura pois é das coisas mais necessarias e importantes. Esta pessoa não é izenta de inteligencia e de certa graça no espirito, é fundamentalmente banal e facilmente deixa-se arrastar por tudo e por todos, boa, meiga, agradabilissima no trato, mente a todos, e mente-se a si propria tambem, não é sua culpa é do seu temperamento, e generosa sem pensar, por impulso, tem bom gosto, e artista, tem boa memoria é inteligente mas... não serve para nada pratico, só para conversar, é bastante vaidosa... e muito amante da estetica em todos os sentidos.

ERNESTO A. PAES (Coruche).—Força de vontade media, ideias proprias e independentes, boa memoria, inteligencia assimilavel, generosidade bem entendida, pouca vaidade, desordem, sensualidade cerebral.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

É DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, LIMA CHARADAS E AULEDO

Campeões do n.º 60

HORIZONTAIS—1—recitar em vós alta 7—comprimir 13—calca 14—açudes 17—cantiga 19—poema laudatório 20—anagrama de ORA 22—nome do Sol no Egipto 26—plantas fanerogamicas 29—tombavam 30—abate-o 31—amfibio 32—seguir 34—gigante célebre 36—diverte-se 38—vasta 42—oferecei 43—depois 44—que causam susto 45—preposição e artigo 47—artigo plural 48—acusada 57—votar 59—tudo o mais 60—com regularidade 61—fluido 62—gáz 63—pronome 64—artigo indefenido 66—óxido de calcio 68—dar noticias 76—aparencia 77—pêlo 79—manobras 82—Laço 83—seguir 84—2 letras de AVE 85—apóstrofe 86—rente 87—Espedicionários Portugueses 88—faz doer 89—parecença 91—Asa (ant.) 92—outra coisa 93—oceano 95—aqui está 96—pena 97—terra portuguesa 99—furar á broca 101—sus! 102—despachar 105—quantidade (pop.) 106—oferece 107—metal duro 110—do oasis (plur.) 111—espaço de tempo (plur.).

VERTICAIS—1—espaço de tempo 2—estás 3—aqui 4—grito de dôr 5—arranjada 6—tornadas a atar 7—artigo plural 8—pantano 9—anagrama de SE 10—suspenda! 11—mala 12—diverte-se 13—poeira 15—portas 16—filtrais 18—pedra de altar 19—nome de mulher 21—tesouro público 23—subir 24—mim 25—tornar mole 27—seguiam 28—anel 33—sol no Egipto 35—parenta 37—seguias 39—Republica Portuguesa 40—possessão portuguesa 41—assemelhavel 46—rezar 49—o (ant.) 51—conjunção 52—pronome pessoal 53—aqui 54—preposição 55—um (franc.) 56—pron. possessivo 57—passagem n'um rio 58—confraria religiosa 62—desejo veemente 63—estanco 65—anel 66—2 letras de COR 67—femea do cão 68—mez 69—suculentos 70—possuir 71—raiva 72—paulada 73—levante 74—onde 75—rolar pelo chão 78—limpava com areia 80—estais 81—asno 90—morda 94—fartura (pop.) 98—pequena porção 100—sol no Egipto 103—artigo plural 104—diverte-se 108—aqui 109—artigo plural.

Solução do numero passado:

HORIZONTAIS:—1—Vala 2—Amar 3—Iris 4—Doma 5—Lara 6—Orar 7—Arara 8—Trama 9—Avaro 10—Eça 11—Cauda 12—Sinal 13—Orada 14—Aval 16—Deus 16—Cana 17—Odre 18—Anão 19—Reos.

VERTICAIS:—1—Vila 2—Adoro 8—Trado 11—Calão 12—Saca 20—Arar 21—Lira 22—Asara 23—Mora 24—Amam 25—Rara 26—Aveal 27—Açu 28—Ardor 29—Ivan 30—Nana 31—Aede 32—Duro 33—Ases.

«AS FARPAS» (2.º tômo; 4.ª edição) por Ramalho Ortigão.

A Empreza Literaria Fluminense, continuando a pôr em prática o seu benemérito intuito de reimpremir tôda a vasta obra de Ramalho Ortigão—incluindo a que se encontra dispersa em folhetos, revistas, jornaes e almanaques—, deu a lume o 2.º tômo de «As Farpas», o que é constituido pelas epistolas de crítica social, isto é, pelas páginas onde se revela, precisamente, o mais admirável aspecto do mais actual temperamento literário do último seculo.

Quem reler as primeiras linhas de «As Farpas» não interrompe a leitura sem chegar ao fim. Tôda a «verve» do grande conversador, tôda a ironia e espirito dum profissional do «humour», tôda a leveza dum cronista fútil e rápido, todos êsses elementos combinados não chegariam para reconstituir o aroma de subtil distinção, de requintada elegância na frase e no conceito, de superior «á vontade», que perfuma as páginas cheias de boa disposição onde Ramalho se dirige a principes e princesas, a ministros, a bispos e patriàrcas, para lhes dizer a sorrir, empertigado, numa insolência quási amigável, meio solene, meio trocista, sempre irreverente, mas sempre «bom rapaz»—algumas verdades amargas e necessárias.

Tereza LEITÃO DE BARROS

O nosso grande Concurso de Novelas Curtas

Publicamos hoje duas das novelas que obtiveram primeiros premios. No proximo numero publicaremos a terceira novela que mereceu a mesma classificação e a seguir as seis que obtiveram os segundos premios.

Rogamos aos autores das novelas que hoje inserimos, para nos enviarem os seus retratos.

Brevemente, o *O Domingo ilustrado* organisará uma brilhante festa para a entrega dos premios.

A Parceria A. M. Pereira, da Rua Augusta, teve a gentileza de nos enviar alguns preciosos volumes que constituem alguns dos premios a distribuir.

A' amavel empreza os nossos agradecimentos.

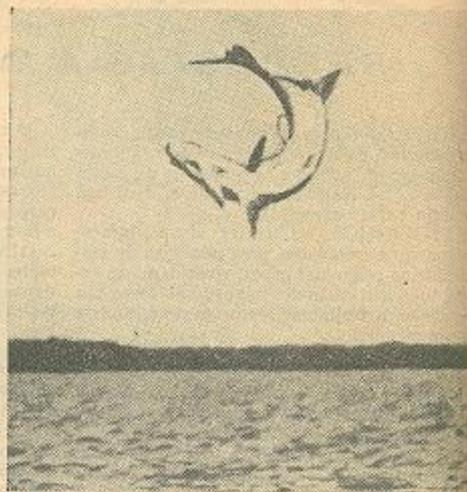
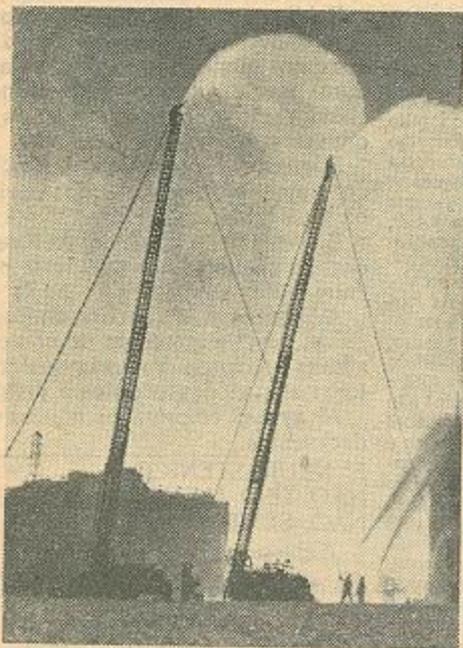
E' NEURASTENICO?
NÃO TEM ALEGRIA?
NÃO SENTE VONTADE DE RIR?
Leia o livro de contos comicos
O Cego da Boa-Vista
de
HENRIQUE ROLDÃO

O melhor vinho de meza é o
COLARES BURJACAS

Actualidades gráficas

As mulheres alemãs tambem são dadas aos trabalhos sportivos. Esta gravura mostra trez gentis filhas do Reno num sport favorito ... e um tanto masculo...

BELAS ARTES

NA COPA -- Uma das aguarelas que maior exito obteve na actual exposição do nosso director, o ilustre pintor Leitão de Barros, no Porto.

Um extranho habitante do Mar Vermelho que, de quando em quando dá saltos de 6 metros fóra da agua. Um belo peixe para ser caçado...

Exercicios de bombeiros japonezes. Onde se prova que os nippons são homens para grandes alturas...

Uma extranha maneira de navegar sobre a neve, a quarenta quilometros á hora.

A acrobocia arriscada está em moda. Alemães fazendo habilidades n'uma torre metalica a 240 metros de altura.

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

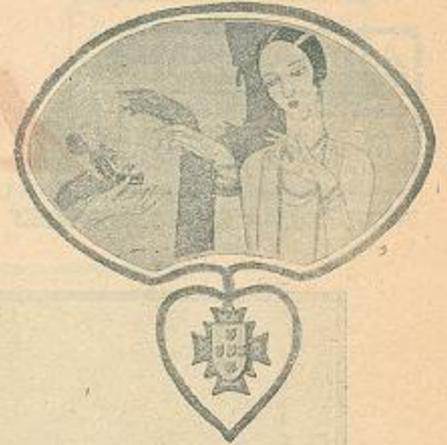
Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO
RUA 31 DE JANEIRO, 53
Tele { gramas: AUREARTE { fone: 1160

FILIAL EM LISBOA
RUA DO CARMO, 87-B
Tele { gramas: AUREARTE { fone: N. 1360

Calçado «ELITE»

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE NAS PRINCIPAIS SAPATARIAS DE LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73 Rua Garrett

AS MALAS DE VIAGEM
MAIS *ELEGANTES*
MAIS *RESISTENTES*
E MAIS *ECONOMICAS*

COMPRAM-SE A PREÇO DE FABRICANTE
NA

"A ORIGINAL"

RUA DA PALMA, 266-A — LISBOA

(Proximo ao Intendente)

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora, sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 – SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 – SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS, SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.

UMA AGRESSÃO MISTERIOSA

N'um hotel da baixa, um chinez vendedor de bugigangas, foi brutalmente agredido com uma barra de ferro. Até á data, a policia não conseguiu ainda descobrir o agressor.

LEIA DENTRO: O RESULTADO DO NOSSO GRANDE CONCURSO DE NOVELAS CURTAS